

BREVE NOTA SOBRE A PRESENÇA DE ESPINOSA NO PENSAMENTO DE JOSÉ MARINHO

Renato Epifânio

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto

Sumário: As referências de José Marinho a Espinosa não são muito frequentes, mas nem por isso deixam de ser significativas. Eis o que procuraremos ver neste breve texto.

Summary: The references of José Marinho to Espinosa are not very frequent, but they are not insignificant. This is what we will try to see in this brief text.

Palavras-Chave: José Marinho, Espinosa, Filosofia

Keywords: José Marinho, Espinosa, Philosophy

As referências de José Marinho¹ a Espinosa não são muito frequentes, mas nem por isso deixam de ser significativas. No essencial, no *caminho do meio* que Marinho procurou trilhar, entre a “união” e a “cisão”, Espinosa aparece-lhe como um dos polos de referência, sempre (mais) do lado da “união”. Eis, nomeadamente, o que podemos apreender, de forma lapidar, na seguinte passagem, em que Espinosa surge em contraponto com Hume: “...um demasiado une, Espinosa, outro demasiado cinde, Hume, outro finalmente, como Hegel, ilusoriamente pretende aos contrastes do abismo conciliar.”²

De resto, como o próprio José Marinho veio posteriormente a reconhecer, partiu ele, antes de uma “radicalização ontológica”, de “um unitarismo muito próximo do de Espinosa”³, o mesmo é dizer, de uma concepção de “ser absoluto ou Deus” que

¹ Relativamente às obras de José Marinho, usaremos as seguintes siglas: *Aforismos* (*Aforismos sobre o que mais importa*, “Obras de José Marinho”, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994); *Doc* (Apêndice documental de *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998); *LNOT* (*Da Liberdade Necessária e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006); *TP* (*Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*, “Obras de José Marinho”, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005).

² *Doc. III*, p. 358.

³ Cf. *Aforismos*, p. 366.

anulava, por si só, “toda a alteração, todo o tempo e ser do tempo, todo o múltiplo”, ou seja, em suma, a própria “cisão”, precisamente o que veio, enfim, por via dessa “radicalização ontológica”, a aceitar – ainda nas suas palavras:

Tudo quanto chamamos mal e queda era para ele excluído enquanto pensador do então suposto puro ser e saber da verdade. Era a fase em que ele negava toda a alteração, todo o tempo e ser do tempo, todo o múltiplo (...). Depois, forçado inevitavelmente a aceitar o que negara, o pensador procurou um termo adequado. Encontrou cisão (...).⁴

Descreve Marinho essa sua “radicalização ontológica” nestes termos: “Sem abandonar o sentido unitário filosoficamente primordial e inabalável, aumentou até um grau inesperado o sentido da imensa pluralidade e diversidade.”⁵ Daí ainda, nesta esteira, estas suas palavras:

Ora duas opostas vertentes de escoam desde o Renascimento aos nossos dias as águas da verdade valiosa e da vida fecunda: pelo Deus que é demasiado substância, em Espinosa, que é demasiado humano, em Pascal./ Deus é substância, mãe e matéria, mas é preciso ver como, fugindo à analogia do ventre da mulher e da mãe natureza. Ele é pessoa, pai e espírito, mas importa ver aqui uma espécie de ‘quando’, fugindo à analogia do espírito humano preso ainda na processão dual da alma e do corpo.⁶

Daí ainda, enfim, estas suas referências a Espinosa que pudemos encontrar na sua obra:

A filosofia de Hegel não nega, e isto deveria ser evidente para todos quantos filosofam, o pensamento de Parménides. O genial pensador (...) diz de maneira explícita na *Lógica* que o seu pensamento sintético só tem sentido se se atribui toda a força de sentido ao pensamento parmenidiano, ou, numa forma mais recente, ao pensamento de Espinosa.⁷ O pensamento de Bergson e o dos seus análogos situa-se justamente entre o máximo da intuição de Espinosa e o mínimo da intuição de Kant.⁸ Os chamados post-kantianos, desejando, por um lado receber e manter o que de fecundo havia na crítica de Kant, ou no seu âmago, procurando, por outro lado, esquivar os negativos efeitos do criticismo, ligam-se a Espinosa, no qual encontram, como é comum nos filósofos de tendência especulativa, mesmo não unitários, uma garantia perene da prima filosofia.⁹

Bibliografia:

⁴*Doc. II*, p. 297. Nesta passagem, José Marinho refere-se a si próprio na terceira pessoa.

⁵ Cf. *Aforismos*, p. 366.

⁶*TP*, p. 340.

⁷*LNOT*, p. 97.

⁸*TP*, pp. 507-508.

⁹*LNOT*, p. 93. Acrescentando ainda, em jeito de conclusão: “É muito sugestivo neste ponto ver como dois pensadores contemporâneos de tão diferente clima e tendências, Leonardo Coimbra e [Samuel] Alexander, reconhecem o perene significado e fecundidade da *Ética*.”

Aforismos sobre o que mais importa, “Obras de José Marinho”, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

Apêndice documental de *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998.

Da *Liberdade Necessária e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade, “Obras de José Marinho”, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

Renato Epifânio

Professor Universitário, Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Dirige a NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI e a Coleção de livros com o mesmo nome (Zéfiro). Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010).

E-mail: novaaguia@gmail.com

